

Temas de cobertura do início da pandemia em entrevistas e na participação de ouvintes em uma emissora do interior: Estudo de um programa jornalístico da Rádio Cultura de Timbó (SC)

Topics of coverage of the beginning of the pandemic in interviews and in the participation of listeners in a radio station in the interior: Study of a journalistic program by Rádio Cultura de Timbó (SC)

Temas de cobertura del inicio de la pandemia en entrevistas y en la participación de oyentes en una estación de radio en el interior: Estudio de un programa periodístico por Rádio Cultura de Timbó (SC)

Arnaldo Zimmermann, Eduardo Meditsch e Valci Zuculoto

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a incidência dos principais temas de cobertura radiojornalística do início da pandemia da Covid-19 em 2020, a partir das entrevistas realizadas e das participações de ouvintes em uma emissora do interior. A comparação entre os temas levantados permite uma análise das relações dialéticas entre as informações trazidas por fontes e receptores. O corpus da pesquisa é composto por três meses, de 18 de março a 17 de junho, do programa Repórter Cultura da Rádio Cultura FM de Timbó (SC). A partir dos temas/estágios identificados no conteúdo, é possível concluir que, diante da invisibilidade do perigo, o tensionamento pelo retorno à antiga rotina acaba por pautar a cobertura.

Palavras-chave

Radiojornalismo; cobertura de desastres; Covid-19; entrevistas; participação de ouvintes.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 25/07/2020
aceito em: 17/09/2020.

>> Como citar este texto:

ZIMMERMANN, A. ; MEDITSCH, E. ; ZUCULOTO, V. R. M. Temas de cobertura do início da pandemia em entrevistas e na participação de ouvintes em uma emissora do interior: estudo de um programa jornalístico da Rádio Cultura de Timbó (SC). *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana -MG, v. 11, n. 02, p. 150-167, mai./ago. 2020.

Sobre os autores

Arnaldo Zimmermann

arnaldozimmermann@gmail.com

Jornalista e apresentador do programa Repórter Cultura na Rádio Cultura FM Timbó (SC). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. Mestre em Jornalismo (UFSC). Especialista em Publicidade e Propaganda (FURB).

Eduardo Meditsch

emeditsch@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6045-1178>

Pesquisador do CNPq e professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Doutor pela Universidade Nova de Lisboa, realizou estágio sênior de Pós-Doutorado na University of Texas at Austin. É autor e organizador de vários livros sobre rádio e jornalismo.

Valci Zuculoto

valzuculoto@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2453-3990>

Professora de graduação e pós-graduação em Jornalismo na UFSC. Doutora em Comunicação (PUCRS). Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor). Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

Abstract

The aim of this article is to investigate the incidence of the main topics of radio journalistic coverage of the beginning of the Covid-19 pandemic in 2020, based on the interviews and the participation of listeners in a radio station in the interior. The comparison between the themes raised in both cases allows an analysis of the dialectical relationships between the information brought by the sources and the recipients. The empirical object selected was the coverage carried out by the Repórter Cultura program of Rádio Cultura FM (92.1) in Timbó (SC). The research corpus consists of three months of journalistic coverage of the phenomenon in the program, between March 18 and June 17, 2020. From the themes / stages identified in the content of the interviews and the participation of the listeners, it is possible to conclude that, in view of the invisibility of the danger, the tension due to the return to the old routine ends up guiding the radio journalistic coverage.

Keywords: Radio journalism; disaster coverage; Covid-19; interviews; listener participation.

Resumen

El objetivo de este artículo es investigar la incidencia de los principales temas de cobertura periodística de radio del comienzo de la pandemia de Covid-19 en 2020, con base en las entrevistas y la participación de los oyentes en una estación de radio en el interior. La comparación entre los temas planteados en ambos casos permite un análisis de las relaciones dialécticas entre la información aportada por las fuentes y los destinatarios. El objeto empírico seleccionado fue la cobertura realizada por el programa Repórter Cultura de Rádio Cultura FM (92.1) en Timbó (SC). El corpus de investigación consta de tres meses de cobertura periodística del fenómeno en el programa, entre el 18 de marzo y el 17 de junio de 2020. A partir de los temas / etapas identificados en el contenido de las entrevistas y la participación de los oyentes, es posible concluir que, ante la invisibilidad del peligro, la tensión por el regreso a la vieja rutina termina guiando la cobertura periodística radial.

Palabras clave: Radioperiodismo; cobertura de desastres; Covid-19; entrevistas; participación de oyentes.

Introdução

O objetivo deste artigo é investigar a incidência dos principais temas de cobertura radiojornalística do início da pandemia da Covid-19 em 2020, a partir das entrevistas realizadas e das participações de ouvintes em uma emissora do interior. A comparação entre os temas levantados em ambos os casos permitirá uma análise das relações dialécticas entre as informações trazidas pelas fontes e pelos receptores. O objeto empírico selecionado foi a cobertura realizada pelo programa Repórter Cultura da Rádio Cultura

FM (92.1) de Timbó (SC). O programa é realizado entre segunda-feira e sexta-feira no horário das 6h30 às 9h. O corpus da pesquisa é composto por três meses de cobertura jornalística do fenômeno dentro do programa radiofônico, entre 18 de março e 17 de junho de 2020.

A escolha por um estudo de caso único para analisar um fenômeno mais amplo, que é a cobertura radiojornalística da pandemia, segue as orientações de Yin (2005, p.63), quanto aos casos representativos ou típicos. A representatividade do programa e da emissora está no fato de terem priorizado a cobertura sobre as ações de prevenção e combate à Covid-19 e a relação que foi estabelecida entre entrevistas com as fontes ligadas ao acontecimento e o registro das participações do público via rede social e aplicativo de mensagens. Além disso, trata-se da tipicidade de cobertura de uma emissora com boa estrutura jornalística localizada em uma cidade de porte pequeno (Timbó possui 44.238 habitantes¹) em um estado (Santa Catarina) que antecipou medidas de quarentena, distanciamento e isolamento social, também adiantando sua flexibilização, se comparado aos estados mais populosos do país.

O trabalho toma como referência as categorias definidas por Arnaldo Zimmermann (2012), quando foram analisadas a participação do público e as entrevistas realizadas pela Rádio Nereu Ramos AM (760 khz) durante o desastre socioambiental de 2008 em Blumenau (SC), com divisão de quatro estágios distintos na cobertura. As referências para chegar à classificação dos estágios naquela cobertura partiram da análise das finalidades das participações dos ouvintes no rádio (HERRERA DAMAS, 2002) e da teoria da participação pública de Kovach e Rosenstiel (2003) quanto ao grau de interesse e envolvimento do público em um acontecimento.

Foram observadas as classificações utilizadas pelos órgãos de Defesa Civil durante enchentes e desastres: as fases de prevenção dos desastres, da preparação para emergências e desastres, da resposta aos desastres e da reconstrução, de acordo com a Política Nacional de Defesa Civil (OLIVEIRA, 2010, p.16); e os estados de monitoramento da elevação do nível do rio pelo Sistema de Alerta de Cheias da Bacia do Itajaí, que são "normal", "atenção", "alerta", "emergência" (COMITÊ ITAJAÍ, 2012 apud ZIMMERMANN, 2012). Assim, este trabalho adota como categorias de análise dos temas de cobertura as denominações de estágios utilizadas por Zimmerman (2012). São

¹ População estimada em 2019, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/timbo.html>

elas: Estágio 1 como **Alerta**; Estágio 2 como **Socorro**; Estágio 3, como **Solidariedade** e Estágio 4, como **Reabilitação**².

Este estudo de caso utiliza também a análise documental, ao mesmo tempo como método e técnica. Baseando-se nas definições de Moreira (2006, p.272), é método porque o ângulo escolhido para observação é a temática e também o momento de cobertura da pandemia; e igualmente constitui técnica pela forma de obtenção dos dados, através dos arquivos da emissora nas mensagens dos ouvintes no aplicativo WhatsApp e no material *online* das transmissões ao vivo (*live*) na rede social Facebook, com o registro escrito das participações dos ouvintes-internautas e do áudio com as entrevistas.

A análise dos materiais selecionados e compilados segue as orientações de Lopes (2005), com a descrição em ordem cronológica dos acontecimentos, de acordo com os estágios da cobertura e com a interpretação do material no seu conjunto. O estudo procurou identificar a predominância desses temas em diferentes momentos da cobertura nos três meses considerados, feita a ressalva de que se trata de um estudo provisório. Na medida em que a pandemia e sua cobertura se estendem para além deste período inicial considerado no trabalho, algumas modificações, desta forma, podem ocorrer nos resultados se houver um período mais alargado de observação no futuro. Apesar desta limitação, o estudo permitiu já algumas constatações relevantes sobre as relações dialéticas entre as informações trazidas pelas fontes (nas entrevistas) e pelos ouvintes (nas suas participações), que caracterizam a rotina produtiva do radiojornalismo no atual momento da convergência tecnológica.

Participação dos ouvintes e entrevistas durante a pandemia: descrição e análise dos resultados

Embora o rádio não seja exatamente um espaço de edição coletiva ou "código aberto", como muitos blogs e outros espaços na web, também não é refém da rigidez de um veículo impresso ou até mesmo das limitações tecnológicas de mobilidade que a TV possui. Com o surgimento de dois novos tipos do meio radiofônico, a rádio na internet e as webemissoras (ZUCULOTO, 2012), há uma conversão do ouvinte comum em "ouvinte-internauta", adicionando outros relevantes fatores em uma situação mista de hábitos de audiência e hábitos de interação. Esse ouvinte-internauta consome o conteúdo radio-

2 A descrição de cada um dos estágios, e a comparação entre a aplicação dos mesmos ao desastre socio-ambiental de 2008 em Blumenau e à pandemia de 2020 será explicada adiante na Tabela 1.

fônico de modo individual (QUADROS, 2018), enquanto navega pela web, pesquisando o conteúdo que ouve na estação e interagindo com as redes sociais, da emissora e de outras fontes diversas.

O fim da delimitação rígida na definição dos papéis - entre quem fala e quem escuta - rearticula o processo comunicacional a partir das bases tecnológicas, ampliando a capacidade dialógica entre os atores envolvidos. A participação da audiência radiofônica nas redes sociais na web e nos aplicativos de mensagens instantâneas pelo aparelho celular, a exemplo do que foi o telefone convencional em tempos anteriores, reforça o deslocamento do ouvinte de seu estado passivo para um ouvinte partícipe, que tanto responde instantaneamente a estímulos gerados pela programação no ar (interação reativa/reacional) como também provoca pautas a partir de sua observação sobre os acontecimentos (interação mútua/dialógica).

A presença constante das emissoras de rádio em mídias sociais como o Facebook e tantas outras já chamava a atenção de Cebrián Herreros (2011) para aquilo que denominou como a terceira grande transformação tecnológica e comunicacional do rádio, adentrando em uma nova concepção de comunicação interativa convergindo plataformas de internet e telefonia com as anteriores. A partir de 2013, com o uso do WhatsApp pelas emissoras de rádio no Brasil como forma de participação do ouvinte na programação, o rádio renovou seu status de agilidade na relação com o mundo exterior, conectando um maior número de participações em um menor espaço de tempo em comparação ao telefone convencional (KISCHINHEVSKY, 2016). "Nesse novo ambiente midiático, o rádio tem se mostrado ágil na associação com mídias sociais, diretórios e portais, em vez de construir estruturas próprias, caras e sem garantia de adesão dos ouvintes" (KISCHINHEVSKY, 2016, p.16). A adesão da audiência é garantida pela própria necessidade do ouvinte de participar, perguntar, opinar e contribuir com a emissora através de ferramentas e estratégias conversacionais síncronas (LOPEZ, 2010, p.115). Essa participação, que pode ter variantes como buscar uma informação sobre serviços, fazer uma denúncia, uma solicitação, uma consulta, um comentário ou mesmo um desabafo, é observada e processada pela emissora de rádio como algo essencial na programação ou complementar, segundo Merayo (2002), já que pode ser apresentada de diversas maneiras e com diferentes intencionalidades.

Cada vez é mais comum que as pautas de entrevistas sejam baseadas na observação do movimento do ouvinte-internauta, tanto em sua relação direta com a emissora quanto pelos debates gerados na rede com terceiros. O tema da entrevista colado com

o discutido nas redes faz cruzar uma agenda institucional com uma agenda pública, alterando inclusive a diretividade das interações. E, ao se apropriar desses novos espaços digitais, o rádio não abandona suas características, como já frisou Lopez (2010, p.115) "mas adequa suas rotinas e sua narrativa às possibilidades geradas pelos novos espaços de difusão e informação".

No período analisado durante a cobertura da pandemia pelo programa Repórter Cultura da Rádio Cultura FM Timbó (92.1 Mhz), entre 18 de março e 17 de junho de 2020 (segundas às sextas-feiras), foram registradas 191 entrevistas e 574 participações do ouvinte-internauta por Facebook e WhatsApp com assuntos exclusivamente relacionados ao fenômeno da Covid-19. Destas 574 participações do ouvinte-internauta, 323 ocorreram via aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, distribuídas dentro e fora do horário de exibição do programa e 255 participações via rede social Facebook, somente durante as transmissões ao vivo (*live*) do programa. Não foram incluídas neste trabalho as participações via telefone, via reportagens externas ou oriundas de outras mídias sociais.

Utilizando como base a classificação de estágios/temas da cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau (SC) de Zimmermann (2012), denominaremos, neste trabalho, o Estágio/Tema 1 como **Alerta**; o Estágio/Tema 2 como **Socorro**; o Estágio/Tema 3, como **Solidariedade** e o Estágio/Tema 4, como **Reabilitação**. Como naquele estudo, esses quatro estágios/temas foram separados para propiciar a análise de acordo com o andamento do desastre/pandemia e o ritmo da sua cobertura. Uma das diferenças já evidenciadas entre os dois desastres é a sua cronologia e temporalidade: enquanto o desastre socioambiental (deslizamentos de terra, enchente e enxurrada) se concentrava em poucos dias seguidos, a pandemia da Covid-19 se estende por meses, inclusive sem sua conclusão durante a realização deste trabalho.

Desta forma, o recorte temporal deste trabalho foi determinado por alguns fatores operacionais externos à cobertura jornalística: o dia 18 de março de 2020 (início do período de análise) quando entrou em vigor o decreto 515/2020 do Governo de Santa Catarina, declarando Situação de Emergência no estado e determinando o chamado "isolamento social", com fechamento da maior parte dos estabelecimentos comerciais, além de suspensão de aulas e outras atividades da sociedade civil; dia 31 de março de 2020, data em que foram retiradas as barreiras sanitárias, instaladas no início da pandemia, nos acessos ao município de Timbó, mas com o anúncio da prorrogação de medidas de

isolamento pelo governo estadual a partir de 01 de abril; dias 12 de abril de 2020, com a primeira morte por Covid-19 na microrregião (em Indaial, cidade vizinha a Timbó) e 13 de abril, com a permissão para a reabertura do comércio de rua no estado; dia 21 de abril, com o anúncio e implantação de normas para a reabertura e funcionamento de bares, restaurantes, *shoppings* e academias (fato que também repercutiu nos noticiários nacionais e internacionais, devido às aglomerações em *shoppings* e outros estabelecimentos com a reabertura).

Dentro desta proposta de divisão, sempre provisória, em diferentes estágios da cobertura radiofônica, a análise é realizada de acordo com a seguinte distribuição:

Estágio 1 - **Alerta**: 18/03 – 31/03.

Estágio 2 - **Socorro**: 01/04 – 12/04.

Estágio 3 - **Solidariedade**: 13/04 – 21/04.

Estágio 4 - **Reabilitação**: 22/04 – 17/06.

A proposta da divisão da análise em quatro diferentes estágios da cobertura segue as características utilizadas na análise do desastre socioambiental de 2008 por Zimmermann (2012), com as seguintes adaptações para a situação da pandemia:

Tabela 1: Comparação entre os estágios de cobertura radiofônica no desastre socioambiental de 2008 e na pandemia da Covid-19 em 2020:

No mesmo sentido, analisamos a temática de cada entrevista e de cada participação do ouvinte-internauta de acordo com o curso da pandemia, classificando-as com a mesma nomenclatura dos estágios e distribuindo-as dentro de cada etapa da cobertura radiofônica.

ESTÁGIOS	Desastre socioambiental de 2008 (Zimmermann, 2012)	Pandemia da Covid-19 de 2020
Estágio 1: Alerta	Profissionais e o público ainda demonstrando dúvidas e incertezas sobre a natureza e dimensão do desastre.	Entrevistados com incertezas e expondo as primeiras orientações para o isolamento social e a quarentena. Público expressando incertezas sobre o acontecimento e enviando perguntas sobre suas dúvidas aos entrevistados e profissionais da emissora.

Estágio 2: Socorro	A fase mais crítica do desastre, com a cidade e o público alarmados com os acontecimentos.	Período quando a ênfase passa a ser a divulgação dos casos no país, no estado e na região, além das ações de enfrentamento à pandemia.
Estágio 3: Solidariedade	O registro de maiores operações de resgate e de auxílio aos atingidos.	Etapa com destaque às principais repercussões acerca da pandemia, como medidas de auxílio financeiro à população e ações solidárias no período gradual de reabertura.
Estágio 4: Reabilitação	Quando a população tenta retomar, em parte, a normalidade na sua vida.	População tentando retomar à normalidade, diante da adaptação ao “novo normal”, com novas medidas de convivência social e a necessidade de enfrentamento das primeiras consequências da pandemia.

Fonte: os autores.

A interpessoalidade e a bidirecionalidade são características presentes na entrevista radiofônica que facilitam a concretização de um “diálogo real” no qual os limites orais entre entrevistador e entrevistado são facilmente preenchidos pelo ouvinte, que se converte em testemunha de uma conversação. É neste testemunho que o pesquisador Arturo Merayo ressalta a proximidade psicológica como grande incremento na formação de um diálogo. O autor entende que tal conversação através da oralidade radiofônica reproduz melhor o sistema estrutural próprio da linguagem falada, já que o ouvinte está habituado à conversa na maioria dos processos de comunicação oral (MERAYO, 2002).

Porém, a arte de entrevistar necessita de foco e objetividade na condução de perguntas e respostas e McLeish (2001) acredita que a entrevista em si será sempre um diálogo com um objetivo definido. Mário Kaplún (2017), por sua vez, entende que no rádio a entrevista adquire um valor extra, semelhante a uma foto em um meio impresso, como uma ilustração viva, uma prova ou um documento.

Lage (2001), no entanto, chama a atenção para a temática da entrevista, já que ao se entrevistar abordando um tema específico, entende-se que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer sobre determinado assunto, expondo suas versões e interpretações sobre o acontecimento em pauta. Neste sentido, uma entrevista que se subordine a uma temática central da cobertura jornalística auxiliará na compreensão de um problema sob o argumento da autoridade entrevistada.

É importante ressaltar também que, especialmente no rádio, nem sempre os entrevistados selecionados são autoridades envolvidas no assunto ou especialistas sobre o tema. É comum, pelo próprio dinamismo do vivo radiofônico, que a emissora entreviste populares como testemunhas do acontecimento. Neste caso, as chances de enquadramento pelo jornalista normalmente são maiores, pois há a preocupação com a idoneidade do informante e o risco de fragmentação. É onde entra em cena o “gestor do testemunho”, segundo Damasceno (2009, p.52) ou o “fiador” da testemunha”, conforme Amaral, Pozobon e Rubin (2010, p.12), em um jogo aparente de submissão ao testemunho, mas com um domínio muito grande sobre ele, conforme as autoras.

Esse controle discursivo estabelece os conteúdos e as abordagens admissíveis a cada momento, podendo excluir o que julgar incompatível ou inadequado ao tópico inicial proposto na entrevista (MEDITSCH, 2007). O controle exercido com o tópico em uma entrevista radiofônica inclina-se mais para a compreensão sobre o tema abordado, a fim de orientar a condução da enunciação, especialmente em momentos de “desorientação” pública, como em desastres e pandemias.

No período analisado para este estudo no programa Repórter Cultura, no Estágio 1 (**Alerta**), houve 53 entrevistas que envolveram direta ou indiretamente a pauta da cobertura da pandemia, sendo que 49 delas se encaixavam no tema sobre **Alerta** e quatro (4) no tema sobre **Socorro**. Do total de 229 participações dos ouvintes-internautas, 103 ocorreram via Facebook e 126 via WhatsApp, sendo 148 (76 Face; 72 Whats) sobre o tema **Alerta**, 38 (8 Face; 30 Whats) sobre o tema **Socorro**, 18 (9 Face; 9 Whats) sobre o tema **Solidariedade** e 25 (10 Face; 15 Whats) sobre o tema **Reabilitação**, conforme destacado na Figura 1:

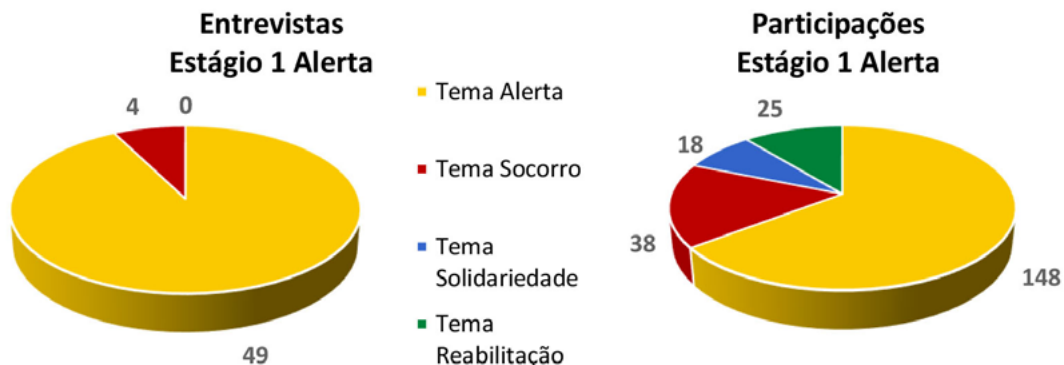


Figura 1: Temas das entrevistas e participações durante Estágio 1 da cobertura | Fonte: Os autores.

Já no Estágio 2 (**Socorro**), realizaram-se 21 entrevistas sobre a pauta da pandemia, com apenas quatro (4) se encaixando no tema sobre **Alerta**, 10 no tema sobre **Socorro**, cinco (5) no tema sobre **Solidariedade** e duas (2) no tema **Reabilitação**. Quanto às participações dos ouvintes-internautas, das 122 neste estágio, 65 ocorreram via Facebook e 57 via WhatsApp. O tema **Alerta** dominou apenas três (3) interações via WhatsApp e o tema-título do estágio (**Socorro**) dominou 48 intervenções (34 Face; 14 Whats), mesmo número das participações sobre o tema **Solidariedade** (23 Face; 25 Whats). Já o tema **Reabilitação** esteve presente em 23 participações (8 Face; 15 Whats), conforme destacado na Figura 2:

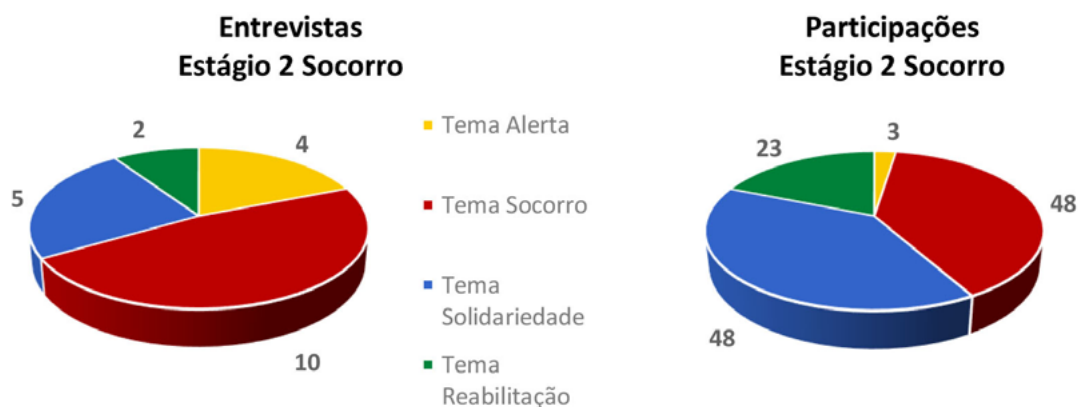


Figura 2: Temas das entrevistas e participações durante Estágio 2 da cobertura | Fonte: Os autores.

No Estágio 3 (**Solidariedade**), ocorreram 23 entrevistas abordando a pauta da pandemia da Covid-19, sendo que nenhuma delas se encaixava no tema sobre **Alerta** e apenas 2 versaram sobre a temática do **Socorro**. Já o tema **Solidariedade** dominou 8 das

entrevistas e o tema **Reabilitação**, 13. Quanto às participações dos ouvintes-internautas, das 69 neste estágio, 31 ocorreram via Facebook e 38 ocorreram via WhatsApp. Sobre o tema **Alerta** não houve interações. Já o tema **Socorro** registrou 25 envolvimento (17 Face; 8 Whats) e o tema **Solidariedade** esteve presente em apenas 18 participações (7 Face; 11 Whats). Já o tema **Reabilitação** esteve presente em 26 participações (7 Face; 19 Whats), conforme destacado na Figura 3:

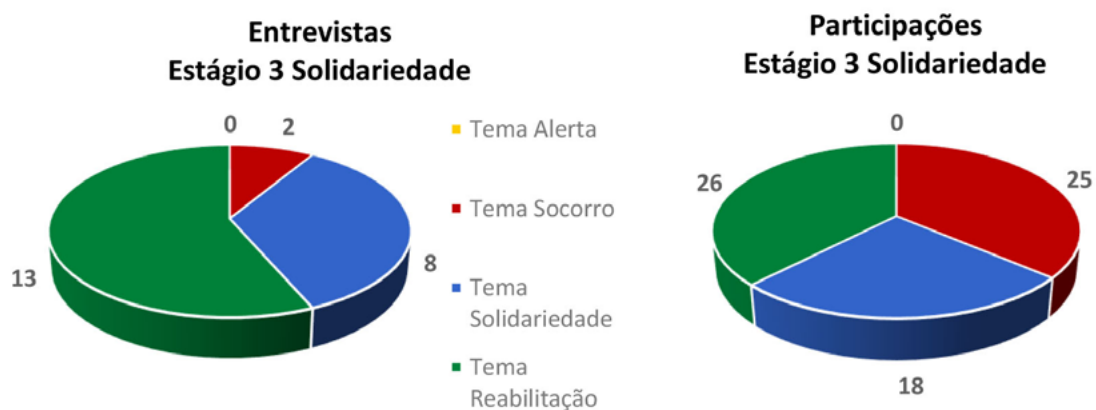


Figura 3: Temas das entrevistas e participações durante Estágio 3 da cobertura | Fonte: Os autores.

No Estágio 4 (**Reabilitação**), houve 94 entrevistas abordando a pauta da pandemia da Covid-19, sendo que nenhuma delas se encaixava no tema sobre **Alerta** e 22 se enquadraram na temática do **Socorro**. Já o tema **Solidariedade** dominou 33 das entrevistas e o tema **Reabilitação**, 43. Quanto às participações dos ouvintes-internautas, das 154 neste estágio, 54 ocorreram via Facebook e 100 ocorreram via WhatsApp. Sobre o tema **Alerta** não houve interações. O tema **Socorro** registrou 63 envolvimento (30 Face; 33 Whats) e o tema **Solidariedade** figurou em 42 participações (13 Face; 29 Whats). O tema **Reabilitação** esteve presente em 49 participações (11 Face; 38 Whats), conforme destacado na Figura 4:

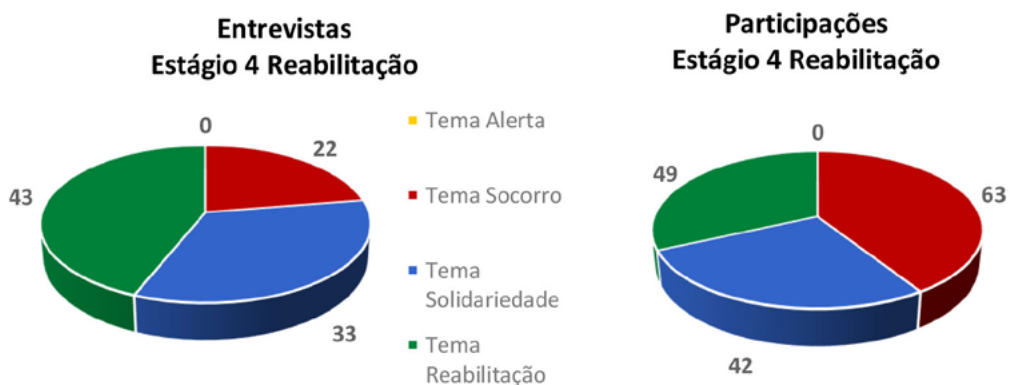


Figura 4: Temas das entrevistas e participações durante Estágio 4 da cobertura | Fonte: Os autores.

No conjunto das entrevistas³ ao longo dos quatro estágios, há um determinado equilíbrio entre os temas, conforme é possível verificar na Figura 5, quando **Reabilitação** esteve presente 58 vezes durante os três meses verificados, seguido do tema **Alerta** (53), **Solidariedade** (46) e **Socorro** (36). Apesar da diferença cronológica entre os quatro estágios verificados (somente o Estágio 4 – **Reabilitação** – ocupou quase dois terços do total da cobertura analisada), o primeiro estágio concentrou um número diário maior de entrevistas, devido à necessidade imediata de informações sobre um fenômeno até então pouco conhecido pela população e pelas fontes entrevistadas.

É importante observar que o predomínio do tema associado ao seu estágio teve mais evidência no primeiro momento da cobertura (Estágio 1 **Alerta**), com 49 das 53 entrevistas realizadas. Já no segundo momento (Estágio 2 **Socorro**), houve um equilíbrio entre o tema associado ao seu estágio e a soma dos demais temas. Enquanto 10 das 21 entrevistas se pautaram a tratar os casos e as ações de enfrentamento e prevenção ao novo coronavírus, já foi possível observar uma antecipação das mensagens acerca de apoio à população atingida pelas consequências do isolamento social e da quarentena, como pautas relacionadas ao pagamento de auxílio emergencial e outros benefícios sociais e governamentais, por exemplo. No terceiro momento de cobertura, apesar de o calendário de acontecimentos sugerir uma maior concentração das ações como forma de solidariedade em função das consequências da pandemia e do isolamento social, o tensionamento do público pelo retorno à sua normalidade teve sua parcela de influência nos temas pautados nas entrevistas desta etapa. As entrevistas orientadas à temática da **Reabilitação** evidenciaram maior presença no Estágio 3 – **Solidariedade**, com 13 das 23 realizadas, seguidas pelo tema-título do estágio, com 8 registros. Já no Estágio 4, de **Reabilitação**, quando o calendário de ações do governo e da sociedade civil já evidenciava a reabertura de vários estabelecimentos e espaços públicos e privados, o tema-título do estágio esteve presente em 43 das 98 entrevistas, seguido pelo tema da **Solidariedade** (33) e do **Socorro** (22), retornando à sua evidência devido a um novo aumento do número de contágios na região.

3 Foram somados mais temas (193) do que o número total de entrevistas (191) pelo fato de duas das entrevistas abordarem duas temáticas distintas dentro da atual classificação.



Figura 5: Temas das entrevistas por Estágios de cobertura e em todos os Estágios | Fonte: Os autores.

Já as participações do ouvinte-internauta representaram os temas mais distribuídos ao longo dos quatro estágios, com exceção do **Alerta**, que se concentrou em grande quantidade exatamente na primeira fase. Esta é o estágio de **Alerta** sobre um problema até então desconhecido. O tema **Socorro** esteve presente 174 vezes ao longo dos três meses verificados, seguido do **Alerta** (151), **Solidariedade** (126) e **Reabilitação** (123).

O Estágio 1 (**Alerta**) contou com 148 participações abordando o tema **Alerta**, entre as 229 interações do ouvinte-internauta. No Estágio 2 (**Socorro**), houve um equilíbrio entre o tema-título (48) e o relacionado à solidariedade (48). Nos estágios 3 (**Solidariedade**) e 4 (**Reabilitação**), o equilíbrio se deu entre os temas **Socorro**, **Solidariedade** e **Reabilitação**. Assim, se evidenciou que, ao mesmo tempo em que o público já se antecipava a ações de volta à normalidade e enfrentamento das consequências da pandemia, o tema referente à contaminação em si (tema relacionado ao **Socorro**) permanecia ao longo de toda a cobertura.

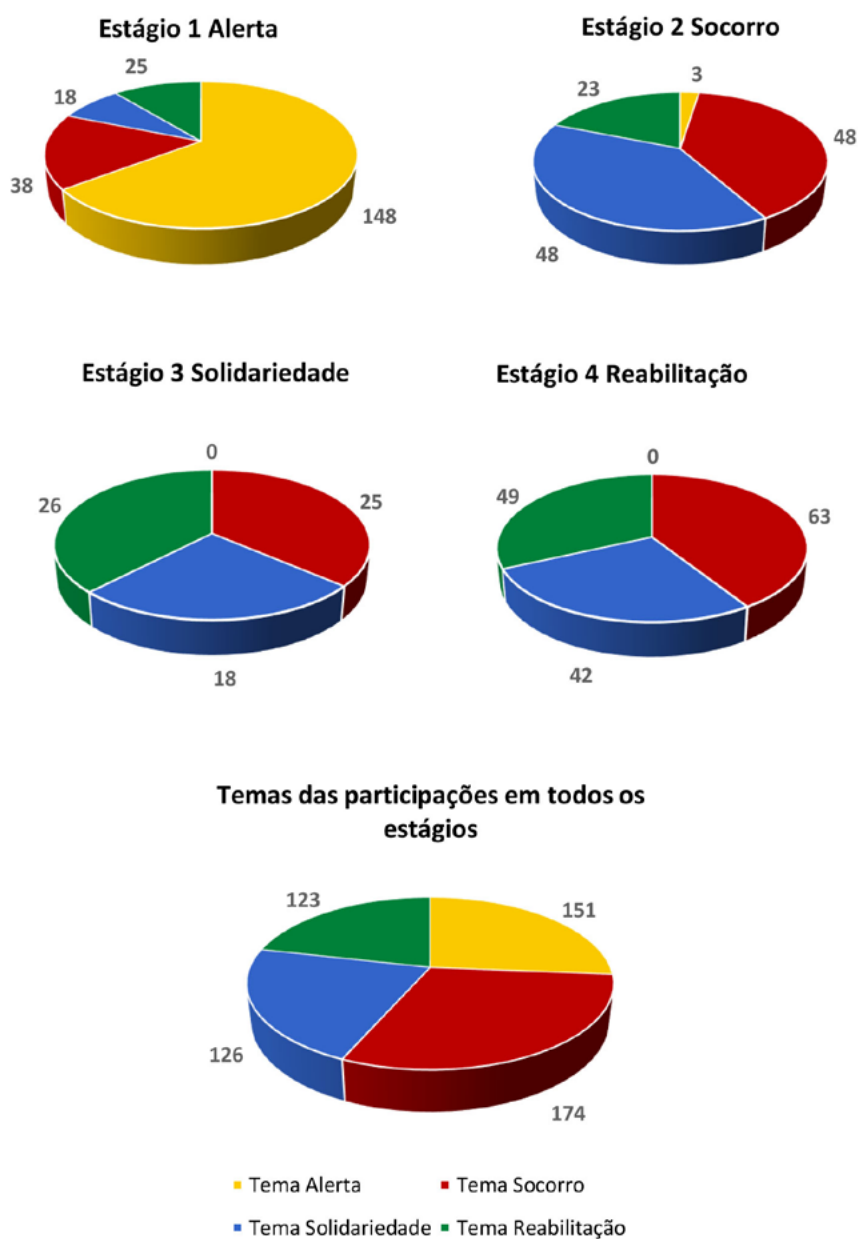


Figura 6: Temas das participações por Estágios de cobertura e em todos os Estágios | Fonte: Os autores.

As incertezas diante do desconhecido proporcionaram as alterações no fluxo do conteúdo jornalístico do programa Repórter Cultura a partir do Estágio 1 da cobertura sobre a pandemia da Covid-19. Em um processo de retroalimentação, as entrevistas com especialistas, autoridades civis e militares, prestadores de serviços e outras fontes ligadas diretamente às ações de combate e prevenção ao novo coronavírus buscavam responder parte dos anseios expostos pelo público, como da mesma forma geravam novas angústias e participações diante de novas revelações sobre o desconhecido. À medida que as principais dúvidas são sanadas a respeito do poder da nova doença e das regras e funcionalidades dos decretos governamentais sobre quarentena, distanciamento social, barreiras sanitárias e outros, o tema **Alerta** vai desaparecendo mais rapidamente na participação do ouvinte-internauta do que nas entrevistas já no Estágio 2, demonstrando que a demanda do público acabava regendo mais a pauta de entrevistas do que o inverso.

Comparando os dados das figuras 5 e 6, é possível também observar um avanço muito maior dos temas **Solidariedade** e **Reabilitação** a partir do Estágio 2 (**Socorro**) na participação do público do que nas entrevistas realizadas. Isso demonstra uma antecipação da população no desejo de retomar a sua rotina, mas uma rotina dentro de um “novo normal”, em que se mesclam demandas de ordem social (informações sobre auxílios financeiros e situações de desemprego, por exemplo), com a necessidade de retornar à vida como era (pedidos de informações sobre reaberturas de comércios e serviços, por exemplo).

Em outro sentido, enquanto as entrevistas pautadas e realizadas nos estágios 3 (**Solidariedade**) e 4 (**Reabilitação**) se inclinavam para assuntos dentro dessas propostas, nas demandas da participação do público, o tema **Socorro** permanecia com mais ênfase junto às temáticas **Solidariedade** e **Reabilitação** nesses dois últimos estágios. Essa situação pode ser explicada pelo fato de que nesses estágios as informações sobre os casos de contaminação na região começam a ocorrer, em atraso diante do cenário nacional, gerando novas preocupações que guiaram parte das participações.

Cabe ainda observar que os temas das entrevistas (agrupados aqui como **Alerta**, **Socorro**, **Solidariedade** e **Reabilitação**) funcionaram como táticas dentro da estratégia da programação, estabelecendo conteúdos e abordagens adequados dentro da proposta de tópico inicial (MEDITSCH, 2007). A tentativa de ajuste dos temas aos seus respectivos estágios sugere um esforço de subordinação dessa tática à raiz de uma estratégia maior

(cobertura sobre um fenômeno como um todo). A abordagem de temas específicos dentro da pandemia confere o que Lage (2001) entende quanto às condições das fontes de informações transmitirem seu conhecimento ou suas interpretações a um público que, no caso analisado, seguia por muito tempo desorientado.

Considerações finais

A participação do ouvinte-internauta diante das incertezas na pandemia configura-se tanto como complementar (principalmente por perguntas diárias e repetitivas sobre funcionamento de serviços ou sobre formas de contaminação), como essencial. Isto, pelo fato de que em determinados casos, a repetição das dúvidas evidenciava novos fatos que passavam a demandar verificações e apurações a fim de pautar novas entrevistas com repetidas fontes. Já pelo relativo descompasso entre temáticas de ouvintes e entrevistados nos diferentes estágios, percebe-se uma inclinação mais reativa e menos dialógica/mútua nas participações.

Além da diferença no *timing* entre a cobertura de um desastre natural ou socio-ambiental (enchentes, deslizamentos de terra, enxurradas) e a cobertura de uma pandemia de contaminação por vírus, é possível observar como a invisibilidade do perigo tem sua parcela de influência na antecipação dos temas **Solidariedade** e **Reabilitação** por parte do público. Sem enxergar a ameaça – como uma rua inundada ou uma casa coberta por lama – o tensionamento pelo retorno à antiga rotina acaba por pautar a cobertura radiojornalística.

No entanto, a adesão dos ouvintes à programação (KISCHINHEVSKY, 2016, p.16), dentro e fora de estruturas próprias da emissora (WhatsApp e Facebook) representada neste caso pela cobertura da pandemia no programa jornalístico, é verificada em bom grau diante das necessidades conferidas em perguntar, opinar ou buscar uma orientação diante da amplitude do evento. É neste sentido que Lopez (2010, p.115) entende que “estes novos lugares em que se apresentam os atores sociais demandam mudanças nas relações estabelecidas entre eles”, implicando uma nova visão das rotinas produtivas do jornalismo de rádio. Esta demanda certamente é maior ainda no rádio local. Como aponta Comassetto (2007, p.69), a este “não resta alternativa senão estreitar ainda mais seus laços com as comunidades em que está inserido e acentuar o trabalho jornalístico realizado nesses lugares, pois é isso que justifica a existência, confere identidade e fortalece a presença do rádio nas localidades”.

Referências

AMARAL, Márcia Franz; POZOBON, Rejane de Oliveira; RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia: indignação, testemunho e piedade. **Lumina** - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, v.4, nº2. Juiz de Fora, 2010.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. **Rádio-Leituras**, Santa Maria, RS (UFSM), ano 2, n.2, jul-dez 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/378>. Acesso em: 14 jul. 2019.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A Voz da Aldeia**: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. Florianópolis: Insular, 2007

DAMASCENO, Dorcas Vieira. **Me llamo Rigoberta Menchú**: heterogeneidade, hibridismo e relações de poder. 2009. Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2009.

HERRERA DAMAS, S. **La participación de la audiencia en la radio española**: evolución, evaluación e implicaciones para la práctica profesional. Estudio del caso de RNE Radio 1 (1999/2000). Tesis doctoral. Universidad de Navarra. 2002.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. organização: Juliana Gobbi Betti; Eduardo Meditsch. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont. 2ª Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Maria Immacolatta Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo Hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: UBI, LabCom, 2010. E-book.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

MERAYO, Arturo. La construcción del relato informativo radiofónico. In: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (Coord.). **Información radiofónica**: cómo contar noticias en la radio hoy. Madrid: Ariel, 2002. p. 59-96.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 269-279.

OLIVEIRA, Marcos de. **Livro Texto do Projeto Gerenciamento de Desastres**: Sistema de Comando em Operações. Florianópolis: Ministério da Integração Nacional, Secretaria Nacional de Defesa Civil,

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, 2010. 82 p.

QUADROS, Miriam Redin de. O **lugar do ouvinte nas narrativas radiofônicas**: concessão de voz e critérios de acionamento dos ouvintes enunciadorees. 2018. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.